O homem que se deve ser: cultura Red Pill, masculinidades e constituição subjetiva

RESUMO

Este artigo analisa criticamente os discursos de masculinidade difundidos pela cultura Red Pill e sua circulação social, buscando compreender suas possíveis relações com a construção das masculinidades na infância a partir de uma perspectiva psicanalítica. O problema de pesquisa interroga como esses discursos circulam entre diferentes espaços de socialização e de que modo podem atravessar processos de constituição subjetiva sem que se estabeleça uma relação causal ou determinista. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de revisão narrativa da literatura, articulando três eixos: cultura Red Pill e manosfera; masculinidades e infância; e psicanálise, masculinidade e constituição subjetiva. A análise indica que a Red Pill reorganiza e intensifica ideais de masculinidade anteriores à própria manosfera, articulando-os a lógicas de hierarquia, desempenho, reconhecimento e autovalorização. Na infância, normas de gênero circulam por família, escola, pares, cultura e ambientes digitais, mas sua presença não determina automaticamente a posição do sujeito. A perspectiva psicanalítica permite situar um intervalo entre circulação cultural e apropriação singular, além de interrogar os ideais de virilidade, completude e "alto valor". Conclui-se que a mediação crítica pode ampliar possibilidades de identificação e sustentar espaços de questionamento dos ideais masculinos, sem substituir um modelo rígido de homem por outro.

Palavras-chave: Masculinidade. Red Pill. Infância. Psicanálise. Manosfera.

INTRODUÇÃO

As discussões sobre masculinidade vêm ganhando novos contornos diante do crescimento de comunidades digitais voltadas para homens, reunidas sob o termo "manosfera". Entre esses espaços, a cultura Red Pill se destaca pela circulação de discursos que propõem modelos sobre o que significa ser homem, frequentemente associados a autoridade, poder, virilidade, domínio e hierarquias de gênero. No contexto brasileiro, Silva e Hennigen (2024) identificam conteúdos que orientam seguidores a se tornarem homens considerados "alpha" ou "de alto valor", ao mesmo tempo em que características associadas ao feminino aparecem como algo a ser rejeitado. Pensar criticamente esses discursos, entretanto, exige não tratar a masculinidade como característica natural ou inerente ao homem. Ela é produzida em relações sociais, instituições e contextos históricos e culturais, e pode assumir formas distintas e hierarquizadas (Connell & Messerschmidt, 2013; Peixoto & César, 2023).

Essa discussão se torna especialmente importante quando deslocada para a infância. Os processos relacionados à construção da masculinidade não se iniciam apenas na adolescência ou na vida adulta. Bello e Felipe (2010) mostram que meninos, desde cedo, já dispõem de códigos acerca daquilo que é reconhecido como masculino, muitas vezes construídos pelo afastamento do feminino e da homossexualidade, em um processo também atravessado por expectativas e investimentos dos adultos. Isso não significa afirmar que crianças participem necessariamente de comunidades Red Pill ou que o contato com determinados discursos produza automaticamente uma forma específica de subjetividade. O que se coloca em questão é a circulação social de ideais de masculinidade que não permanecem restritos aos espaços digitais em que são produzidos.

A expansão dos ambientes digitais acrescenta outra dimensão ao problema. White e Zarling (2026) propõem compreender esses ambientes como parte de um sistema mais amplo de socialização, articulado a família, pares e instituições, destacando mecanismos afetivos, vínculos entre homens e amplificação algorítmica. Essa perspectiva permite pensar a circulação dos discursos da manosfera para além de uma relação direta entre uma criança ou jovem e um conteúdo específico. Ao mesmo tempo, a psicanálise oferece uma via para deslocar a questão da simples reprodução de comportamentos para os processos de identificação e constituição subjetiva. Sampaio e Garcia (2010) e Silva e Macedo (2012) ajudam a sustentar uma leitura que reconhece a força da cultura sem estabelecer uma relação linear de causa e efeito entre discursos disponíveis socialmente e a forma como cada sujeito irá se constituir.

Diante disso, este artigo pergunta: como os discursos de masculinidade difundidos pela cultura Red Pill circulam socialmente e podem atravessar a construção das masculinidades na infância, e de que maneira esse processo pode ser compreendido a partir de uma perspectiva psicanalítica? O objetivo é analisar criticamente esses discursos e sua circulação, caracterizar a Red Pill no contexto mais amplo da manosfera, discutir como normas e ideais de masculinidade atravessam a infância, articular contribuições psicanalíticas sobre identificação e constituição subjetiva e problematizar possibilidades de mediação crítica pela Psicologia e pelos espaços educativos.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de revisão narrativa da literatura. Esse formato foi escolhido por permitir o diálogo entre produções de campos distintos, cultura Red Pill e manosfera, masculinidades na infância e psicanálise, sem pretender medir efeitos de exposição nem estabelecer uma relação causal entre esses discursos e uma forma específica de subjetividade.

O levantamento bibliográfico foi organizado em três eixos: (1) cultura Red Pill e manosfera; (2) masculinidades e infância; e (3) psicanálise, masculinidade e constituição subjetiva. As buscas foram realizadas principalmente na SciELO, na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e no Google Acadêmico, além de repositórios institucionais de universidades nacionais e internacionais. Também foram consultadas referências dos próprios trabalhos encontrados para localizar autores e textos relevantes que não apareceram nas buscas iniciais.

No primeiro eixo, foram combinados termos como “Red Pill”, “manosfera”, “machosfera”, “masculinidade” e “misoginia”, além de “manosphere”, “masculinity”, “boys” e “young men”. No segundo, utilizaram-se “masculinidade(s)”, “infância”, “meninos”, “gênero”, “educação infantil” e “socialização”, com correspondentes em inglês. No terceiro, foram combinados “psicanálise”, “masculinidade”, “virilidade”, “infância”, “identificação”, “gênero” e “constituição subjetiva”, além de correspondentes em inglês e espanhol. A busca psicanalítica não foi limitada a Freud ou a uma única vertente.

Foram priorizados artigos científicos, dissertações, teses, livros e capítulos de livros com relação direta a pelo menos um dos três eixos. A triagem começou pela leitura de títulos e resumos e, quando pertinente, seguiu para a leitura integral. Foram excluídos materiais duplicados, textos exclusivamente jornalísticos ou de divulgação e produções cuja relação com o problema fosse apenas secundária. A possibilidade de acesso ao texto completo também foi considerada para que a análise se concentrasse em materiais efetivamente lidos e conferidos.

A literatura contemporânea foi priorizada no eixo da Red Pill, da manosfera e dos ambientes digitais. Não foi estabelecido, contudo, um recorte temporal rígido, pois trabalhos anteriores permanecem relevantes para as discussões sobre masculinidades e para a fundamentação psicanalítica. Foram considerados materiais em português, inglês e espanhol, com preferência por produções brasileiras quando pertinentes ao problema investigado.

Após a seleção, os trabalhos foram organizados nos três eixos. No primeiro, observaram-se a caracterização da Red Pill e da manosfera, os modelos de masculinidade e os modos de circulação desses discursos; no segundo, as normas e expectativas relacionadas ao masculino na infância, considerando família, escola, pares e outros espaços de socialização; no terceiro, contribuições psicanalíticas sobre identificação, ideais de masculinidade, virilidade, relação com o feminino e constituição subjetiva.

Por fim, os eixos foram colocados em diálogo para identificar aproximações e tensões e construir uma leitura crítica da circulação dos discursos Red Pill sem pressupor determinação direta da constituição subjetiva. A análise buscou manter simultaneamente a singularidade dos processos subjetivos e sua inscrição histórica e cultural. A partir dessa articulação, também foram consideradas possibilidades de mediação crítica e potencialidades de intervenção da Psicologia e dos espaços educativos apontadas pela literatura, sem propor ou avaliar um modelo específico de intervenção.

“TOMAR A PÍLULA”: QUE VERDADE SOBRE OS HOMENS É ESSA?

Quando falamos da manosfera, não estamos falando de um único grupo, mas de um ecossistema de espaços e comunidades online voltados predominantemente para homens, entre eles os Men's Rights Activists (MRA), Pick-Up Artists (PUA), Involuntary Celibates (Incels), Men Going Their Own Way (MGTOW) e comunidades associadas à cultura Red Pill. São grupos diferentes, com objetivos e formas de organização próprias, mas que se encontram em espaços nos quais circulam discursos sobre masculinidade, relações de gênero, antifeminismo e misoginia. Por isso, parece mais adequado compreender a manosfera como um conjunto heterogêneo de comunidades do que como um movimento único e organizado (Ribeiro et al., 2021; Silva & Hennigen, 2024).

É dentro desse ecossistema que a cultura Red Pill, foco deste trabalho, ganha sentido. O próprio nome diz muito sobre a forma como esse discurso se apresenta. A expressão vem do filme Matrix, no qual Neo recebe a possibilidade de tomar a pílula vermelha e abandonar uma realidade ilusória para conhecer aquilo que estaria escondido por trás dela. Quando essa metáfora é apropriada por comunidades da manosfera, “tomar a Red Pill” passa a significar uma espécie de despertar. O homem que ainda não tomou a pílula estaria enganado sobre as mulheres, o feminismo, os relacionamentos e até sobre sua própria posição enquanto homem; aquele que a toma passaria a conhecer como essas relações “realmente” funcionariam (Silva & Hennigen, 2024).

Mas que verdade seria essa? Nos discursos analisados por Silva e Hennigen (2024), aparecem a crítica ao feminismo, a ideia de uma sociedade “ginocêntrica” e interpretações que naturalizam diferenças entre homens e mulheres. A mulher é construída a partir de características apresentadas como próprias de sua natureza, enquanto o homem aparece como alguém prejudicado por uma organização social que teria sido distorcida pelo feminismo. O argumento das autoras

permite observar que não se trata apenas de uma crítica a determinadas relações amorosas, mas de uma explicação mais ampla sobre como homens e mulheres seriam e sobre qual lugar cada um deveria ocupar.

É justamente aí que a suposta verdade sobre as mulheres começa a dizer algo também sobre os homens. Se o homem "desperta" e descobre que estava enganado, o que deveria fazer depois disso? A resposta Red Pill não termina no conhecimento. Ele deveria deixar de ser ingênuo, aprender a compreender o "jogo", modificar sua conduta e aumentar o próprio "valor". É nesse movimento que aparecem figuras como o homem "alpha" e o "homem de alto valor", ligadas à valorização de autoridade, virilidade, poder, domínio e posições rígidas de gênero (Silva & Hennigen, 2024).

A metáfora da pílula parece organizar também uma narrativa de transformação masculina, na qual existe um homem antes do "despertar" e outro que ele deveria tentar se tornar depois dele. Não se trata aqui de tomar a Red Pill como um rito de passagem em seu sentido antropológico. O que interessa é essa passagem discursiva, em que descobrir a suposta verdade implica também aprender uma nova maneira de se posicionar como homem. O "despertar" não oferece apenas uma explicação do mundo; oferece um modelo de homem. Essa é a leitura que será adotada ao longo deste estudo.

Só que força, virilidade, autoridade, domínio e papéis rígidos de gênero não parecem ter surgido junto com fóruns e comunidades Red Pill. Se esse discurso apresenta um modelo masculino como algo que o homem deveria alcançar, é preciso voltar um pouco antes da própria manosfera e perguntar de onde esse modelo retira sua força.

SE É PRECISO APRENDER A SER HOMEM, O QUE ESTÁ SENDO ENSINADO?

Tratar a Red Pill como criadora desse modelo apagaria uma história muito anterior de produção de expectativas sobre aquilo que um homem deve ser. A masculinidade não pode ser explicada apenas pelo fato biológico de ser homem. Ela é construída em relações sociais, em contextos históricos e dentro de relações de gênero e de poder. Por isso, Connell e Messerschmidt (2013) falam em masculinidades, no plural, indicando que diferentes formas de ser homem coexistem, entram em relação e não recebem necessariamente o mesmo reconhecimento.

Isso também ajuda a evitar outra simplificação. Quando se fala em masculinidade hegemônica, não se está falando obrigatoriamente da masculinidade vivida pela maioria dos homens. O conceito aponta para uma forma que pode funcionar como referência cultural daquilo que é reconhecido como masculino legítimo, mesmo quando poucos homens correspondem integralmente a ela. Um homem não precisa encarnar esse ideal para saber que ele existe, comparar-se a ele ou ser comparado a partir dele (Connell & Messerschmidt, 2013).

Se existem masculinidades diferentes, elas também não aparecem lado a lado como possibilidades equivalentes. Algumas recebem mais reconhecimento, enquanto outras podem ser subordinadas, marginalizadas ou desqualificadas. Essa organização hierárquica é importante porque impede que a pluralidade das masculinidades seja confundida com uma simples variedade de estilos individuais. As formas de masculinidade são produzidas dentro de relações de poder e de reconhecimento, e essa hierarquia não se organiza somente na relação entre homens e mulheres. Ela também aparece entre os próprios homens.

É difícil não voltar, nesse ponto, à linguagem Red Pill do "alpha" e do "homem de alto valor". Alto em relação a quê? Valor medido por quem? A própria expressão pressupõe comparação. Dinheiro, aparência física, força, sucesso profissional, virilidade e capacidade de conquista podem funcionar como marcadores a partir dos quais homens são posicionados em relação a outros homens. Aquilo que parece uma lista individual de coisas que alguém deveria conquistar também pode funcionar como demonstração de que se ocupa determinada posição.

Bird (1996), ao discutir homossociabilidade e manutenção da masculinidade hegemônica, chama atenção para o papel das relações entre homens na validação de determinadas masculinidades. Essa discussão permite levantar uma questão para a Red Pill. Certas performances masculinas precisariam estar voltadas apenas para as mulheres? Se estar com determinadas mulheres é apresentado como prova de "alto valor", essa conquista também pode funcionar como marcador de posição diante de outros homens. Essa aproximação parte de Bird, mas avança para uma interpretação deste estudo; não se pretende afirmar que o autor tenha analisado a Red Pill ou que toda relação masculina com mulheres opere dessa maneira.

A Red Pill parece, então, fazer menos uma invenção do que uma reorganização desses ideais. Neste estudo, ela é compreendida como uma forma contemporânea de selecionar características que já circulavam culturalmente, intensificar algumas delas e reuni-las dentro de uma narrativa própria de despertar, aprendizado e transformação. Há uma contradição importante aí. Se é preciso ensinar alguém a se tornar "alpha" ou "homem de alto valor", esse modelo não pode ser tão natural quanto muitas vezes se apresenta. Ele precisa ser aprendido, demonstrado e reconhecido.

Se a masculinidade precisa ser construída, demonstrada e reconhecida socialmente, quando e de que maneira essas expectativas começam a atravessar o sujeito?

QUANDO SE COMEÇA A APRENDER O QUE UM HOMEM DEVE SER?

Não parece existir um ponto único em que a criança começa a “aprender” masculinidade. Ela já nasce em um contexto no qual masculino e feminino possuem significados, expectativas e códigos. Isso não quer dizer que a criança simplesmente absorva tudo o que encontra, mas que cresce em relações nas quais certas maneiras de agir são reconhecidas, incentivadas, questionadas ou recusadas. Bello e Felipe (2010) mostram justamente masculinidades sendo delineadas desde a infância, em um processo dinâmico de aproximações e afastamentos.

Nem sempre alguém precisa dizer diretamente que “menino deve ser assim”. Muitas dessas fronteiras aparecem no cotidiano. Uma brincadeira pode ser aprovada e outra questionada; uma fala pode ser tomada como engraçada, inadequada ou correta; uma forma de demonstrar afeto pode ser incentivada ou constrangida. Bello e Felipe (2010) destacam os investimentos e expectativas dos adultos nesse processo, enquanto Peixoto e César (2023) discutem como a escola participa da produção e da regulação das masculinidades. Os exemplos cotidianos utilizados aqui, como brincadeiras, falas, aprovações, rejeições e formas de demonstrar afeto, são mobilizados neste estudo como ilustrações analíticas dessas dinâmicas. Não se pretende atribuir aos autores uma enumeração que eles próprios não formulam, mas tornar visível como normas mais amplas podem aparecer em situações aparentemente pequenas do cotidiano infantil.

Os adultos, entretanto, não são os únicos participantes desse processo. As próprias crianças regulam umas às outras. Entre pares, comportamentos recebem reconhecimento, provocam rejeição ou viram motivo de piada. O grupo passa a ser também um lugar onde se aprende o que pode aproximar ou afastar alguém daquilo que é reconhecido como masculino. Guardadas as diferenças entre infância e relações entre homens adultos, reaparece aqui algo discutido anteriormente. A masculinidade também é negociada diante de outros sujeitos masculinos.

Uma das formas mais evidentes de demarcar essa fronteira é dizer aquilo que um menino não deve ser. Bello e Felipe (2010) mostram como códigos de masculinidade podem ser construídos pela diferenciação em relação às meninas e a posições associadas ao feminino ou à homossexualidade. Dizer que algo é “de menina”, nesse contexto, não serve apenas para classificar uma brincadeira ou comportamento. Pode diminuir o valor daquela posição e, simultaneamente, cobrar do menino que se afaste dela.

A partir dessas contribuições, certos modelos de masculinidade podem ser pensados tanto pelo que aproximam quanto pelo que afastam. O menino pode ser incentivado a se aproximar de determinadas posições e, ao mesmo tempo, aprender que deveria se distanciar de outras. Essa é a leitura adotada neste estudo; não significa transformar força, vulnerabilidade ou qualquer outro atributo em categorias universais e fixas, mas observar como determinadas fronteiras do masculino são produzidas e reguladas culturalmente.

Ainda assim, seria um erro imaginar que todas essas mensagens chegam à criança de um mesmo lugar ou dizem a mesma coisa. Família, escola, pares e outros espaços culturais podem apresentar referências diferentes e até contraditórias. Um comportamento questionado em casa pode ser reconhecido entre amigos; algo valorizado pelo grupo pode ser problematizado pela escola. Por isso, parece mais adequado pensar a masculinidade infantil no meio dessas relações, aproximações e conflitos, e não procurar uma instituição responsável por “ensiná-la” como se cada espaço transmitisse uma mensagem isolada e coerente.

O que acontece quando os ambientes digitais passam a integrar esse conjunto de espaços nos quais os discursos sobre masculinidade são produzidos, compartilhados e regulados?

DA TELA PARA ONDE? A CIRCULAÇÃO DOS DISCURSOS SOBRE MASCULINIDADE

Pensar nos ambientes digitais apenas como lugares onde conteúdos são publicados parece pouco. Crianças e jovens não entram nesses espaços somente para receber informação. Ali também estabelecem vínculos, conversam, encontram grupos, recebem reconhecimento e entram em contato com maneiras de interpretar aquilo que vivem. O digital, nesse sentido, também é espaço de socialização.

Isso torna cada vez menos útil imaginar dois mundos completamente separados, um “real” e outro “virtual”. White e Zarling (2026), ao discutirem o desenvolvimento das masculinidades no contexto da manosfera, propõem uma leitura ecológica em que ambientes digitais aparecem articulados a família, pares e instituições. Na formulação dos autores, as masculinidades são construídas em sistemas inter-relacionados, e os ambientes digitais passam a integrar esse conjunto de contextos de desenvolvimento. A partir dessa contribuição, interessa a este estudo pensar que aquilo que circula online pode reaparecer em conversas entre amigos, piadas, conflitos escolares ou discussões familiares; da mesma maneira, experiências vividas fora das plataformas podem orientar aquilo que alguém procura ou reconhece nelas.

Há ainda outro elemento. Comunidades digitais não oferecem apenas conteúdos sobre masculinidade. Também podem oferecer pertencimento, reconhecimento e uma linguagem compartilhada para interpretar experiências. White e Zarling (2026) chamam atenção para mecanismos afetivos, relações entre homens e amplificação algorítmica na compreensão desse processo. Assim, para alguns sujeitos, uma explicação encontrada online pode vir acompanhada de vínculos e da sensação de fazer parte de um grupo.

O algoritmo entra nessa discussão porque o contato com um conteúdo não acontece em um

espaço neutro. White e Zarling (2026) também chamam atenção para a amplificação algorítmica nesse processo. As plataformas organizam e recomendam aquilo que aparece, e interagir com determinado tema pode contribuir para que conteúdos relacionados sejam novamente apresentados. A imagem de uma "bola de neve" pode ajudar a visualizar esse movimento de contato, interação, recomendação e novo contato, desde que se preserve seu limite. Sistemas de recomendação são complexos e receber repetidamente determinado conteúdo não significa automaticamente acreditar nele.

Por isso, neste estudo prefere-se falar em circulação, e não apenas em exposição. A palavra "exposição" quase convida a imaginar uma seta na qual o discurso aparece, chega à criança ou ao jovem e produz um efeito. "Circulação", por outro lado, permite acompanhar caminhos menos lineares. Uma ideia encontrada em um vídeo pode ser repetida por um amigo, virar piada, ser contestada, reaparecer em outro conteúdo ou entrar em conflito com aquilo que se escuta em casa e na escola. A escolha do termo é nossa e não significa que a literatura abandone a noção de exposição; "circulação" apenas parece preservar melhor a multiplicidade de espaços e relações que compõem o problema investigado.

Mas acompanhar esse movimento ainda deixa algo sem resposta. É possível investigar onde um discurso aparece, como é recomendado, em quais grupos circula e quais modelos de masculinidade oferece. Nada disso, sozinho, diz o que um sujeito fará com ele. Confundir circulação com incorporação faria retornar a uma concepção passiva de criança, como se encontrar determinado discurso fosse suficiente para definir a forma como ela irá se constituir.

Mas compreender como esses discursos circulam é suficiente para compreender como eles passam, ou não, a participar da constituição do sujeito?

ENTRE O DISCURSO E O SUJEITO: CIRCULAÇÃO NÃO É INCORPORAÇÃO

Até aqui foi possível acompanhar discursos, modelos e espaços de circulação. É possível saber o que a Red Pill diz sobre homens e mulheres, como certos ideais masculinos antecedem essas comunidades, como expectativas de gênero aparecem na infância e como ambientes digitais passam a integrar esse circuito. Ainda falta, porém, uma pergunta diferente. O que acontece entre um discurso estar disponível culturalmente e ele passar, ou não, a ocupar algum lugar para um sujeito?

Responder a isso como se a criança simplesmente absorvesse aquilo que encontra apagaria justamente aquilo que a psicanálise permite recolocar na discussão, que é o sujeito. Sampaio e Garcia (2010), ao aproximarem psicanálise e estudos de gênero, ajudam a pensar a masculinidade sem tratá-la como essência fixa e destacam a importância dos processos identificatórios em sua constituição. Encontrar um modelo de masculinidade, portanto, não é a mesma coisa que simplesmente copiá-lo.

Também não existe uma única referência esperando para ser escolhida. Ao longo da constituição subjetiva, diferentes figuras, discursos e modelos podem participar dos processos identificatórios. Família, escola, pares e ambientes digitais não formam necessariamente um coro dizendo a mesma coisa; podem oferecer referências que se aproximam, se contradizem ou entram em tensão. Bartolomei (2019), ao discutir identificações e identidades de gênero a partir da psicanálise, reforça a complexidade desses processos.

Diante disso, talvez seja mais produtivo perguntar que lugar essas referências podem ocupar do que tentar descobrir qual delas "vence". Um pai pode apresentar determinado modelo de homem, um amigo outro, um professor outro e um espaço digital ainda outro. Uma fala pode ser repetida, recusada, transformada ou articulada a referências diferentes ao longo da história do sujeito. Esses exemplos são usados aqui para tornar visível a pluralidade dos processos identificatórios; não constituem uma tipologia proposta por Bartolomei (2019). Não é possível estabelecer previamente qual referência terá maior peso, nem supor que referências contraditórias se anulem entre si, sem apagar a singularidade da história e das relações do sujeito.

Essa cautela também impede que a cultura seja transformada numa explicação automática para a vida psíquica. Silva e Macedo (2012), ao discutirem masculinidade e sofrimento psíquico, apontam os limites de uma compreensão linear de causa e efeito entre características culturais e produção de padecimento. Para este trabalho, isso é decisivo. A presença de discursos Red Pill em determinado contexto não autoriza concluir que eles produzirão uma forma específica de subjetividade.

Mas dizer isso também não significa colocar sujeito e cultura em lados separados. O sujeito se constitui em um mundo que já possui discursos, ideais e formas de reconhecimento. Ao mesmo tempo, sua relação com esses elementos não termina no momento em que os encontra. É justamente nesse intervalo entre circulação cultural e apropriação singular que este trabalho situa sua questão: reconhecer a força dos discursos sem transformar o sujeito em efeito automático deles e preservar a singularidade sem imaginar um sujeito isolado das condições históricas e culturais em que se constitui.

É nesse intervalo que a psicanálise passa a ter função central nesta pesquisa. Ela não entra para explicar toda a manosfera, nem para afirmar o que a Red Pill "faz" com cada criança. Entra para permitir que a relação entre cultura e constituição subjetiva seja pensada sem eliminar nenhum

dos dois lados: os discursos culturais importam, mas o sujeito não é seu resultado automático.

A Red Pill pode ser situada, então, como uma referência discursiva contemporânea dentro de um campo muito mais amplo de modelos sobre o que significa ser homem. A pergunta deixa de ser "o que a Red Pill faz com a criança?" e passa a ser: que lugar um ideal como o do homem alpha ou de "alto valor" pode ocupar entre diferentes referências de masculinidade? E, antes mesmo de pensar seus possíveis efeitos, talvez seja necessário olhar com mais atenção para o próprio ideal que está sendo oferecido.

QUANTO VALE UM "HOMEM DE ALTO VALOR"?

Até aqui, a figura do "homem de alto valor" apareceu como uma das formas pelas quais a cultura Red Pill organiza e prescreve determinado ideal de masculinidade. Corpo, dinheiro, sucesso profissional, capacidade de conquista, virilidade, domínio e reconhecimento passam a compor referências daquilo que o homem deveria alcançar. Como discutido anteriormente, a própria expressão "alto valor" já pressupõe comparação: para que alguém ocupe essa posição, é necessário que exista uma escala na qual outros possam ser percebidos como possuindo maior ou menor valor.

Se a Red Pill oferece um modelo relativamente definido daquilo que o homem deveria se tornar, é possível perguntar o que acontece na distância entre o homem que se é e o homem que se acredita que deveria ser. É nesse intervalo que a psicanálise acrescenta outra dimensão à discussão. Em vez de perguntar apenas quais características compõem o "homem de alto valor", interessa compreender que lugar um ideal como esse pode ocupar para o sujeito e o que pode estar em jogo na tentativa de corresponder a ele.

A noção de ideal do eu ajuda a iniciar essa discussão. Silva e Macedo (2012) retomam o conceito como uma instância constituída a partir do narcisismo, das identificações com figuras parentais e seus substitutos e também dos ideais coletivos. O ideal funciona como modelo ao qual o sujeito procura se conformar e como referência a partir da qual o eu pode ser observado e comparado. Na pesquisa das autoras, os relatos analisados apontam para um ideal masculino marcado por elevada exigência de desempenho e por uma demanda de completude, aparecendo homens atravessados pela necessidade de serem "bons em tudo", pela sensação de não corresponderem àquilo que deveriam ser e pela busca de um ideal percebido como inatingível.

É aqui que a figura do "homem de alto valor" pode ser aproximada dessa discussão. Não se pretende afirmar que esse modelo seja simplesmente uma manifestação do ideal do eu, nem que todos os sujeitos estabeleçam a mesma relação com ele. Essa conclusão contrariaria justamente a singularidade dos processos identificatórios discutida anteriormente. A aproximação proposta neste estudo permite, antes, formular outra pergunta: o que um ideal que promete força, potência, sucesso, reconhecimento e valor pode oferecer a um sujeito que se percebe distante daquilo que acredita que deveria ser?

Essa pergunta aproxima a discussão da falta, do desejo e da completude. Na perspectiva psicanalítica aqui mobilizada, especialmente a partir da discussão desenvolvida por Lima (2022), a falta não aparece simplesmente como uma deficiência que poderia ser corrigida pela aquisição daquilo que ainda não se possui, mas participa da própria constituição do sujeito e da possibilidade do desejo. Isso significa que os objetos aos quais o desejo se dirige podem produzir satisfação, mas não são capazes de estabelecer uma condição definitiva de completude. O problema não estaria, portanto, em encontrar finalmente o objeto correto que preencheria aquilo que falta, mas na própria impossibilidade de eliminar definitivamente essa falta.

Ceccarelli (1998), ao discutir a constituição da masculinidade, chama atenção para o caráter não definitivamente adquirido da virilidade, que necessita ser reafirmada e reconquistada. O autor também mostra como determinadas construções masculinas se organizam pelo afastamento daquilo que é associado ao feminino. Medo, choro, dependência ou fragilidade podem, nesse contexto, adquirir o sentido de ameaça à posição masculina. A demonstração daquilo que se é passa também pela demarcação daquilo que não se pode ser.

Lima (2022), por sua vez, discute a virilidade a partir das relações com o falo e a castração. O falo, nessa formulação, não se reduz à anatomia masculina, enquanto a castração remete à impossibilidade de uma posição de completude. Ao desenvolver a noção de "virilidade cômica", o autor analisa uma forma de ostentação viril que procura sustentar um semblante de posse fálica e recusar a castração. Sua discussão se orienta para os destinos da virilidade na experiência analítica, e não para a cultura Red Pill.

É neste ponto que a leitura deste estudo se afasta do que Lima (2022) formula diretamente. O autor não analisa a cultura Red Pill. A partir de sua discussão, porém, torna-se possível perguntar se dinheiro, corpo, sucesso sexual, domínio, status e reconhecimento, quando reunidos na figura do "homem de alto valor", também podem funcionar como sinais de potência. O dinheiro pode significar mais do que poder de compra; o corpo, mais do que aparência; o sucesso sexual, mais do que satisfação sexual. Da mesma forma, status, domínio e reconhecimento podem adquirir sentidos que ultrapassam sua dimensão concreta. A hipótese aqui é que, quando esses atributos passam a sinalizar que o homem é desejável, potente, respeitado ou superior, sua busca pode envolver também uma tentativa de responder à própria questão do valor do sujeito.

Se a falta é constitutiva, entretanto, nenhum desses atributos pode produzir definitivamente

uma posição de completude. Isso não significa negar a satisfação concreta produzida por dinheiro, reconhecimento, relações afetivas ou transformações corporais. Significa apenas reconhecer que essa satisfação não elimina a falta enquanto dimensão constitutiva do sujeito e que a conquista de um objeto não encerra necessariamente o movimento do desejo. Também seria precipitado imaginar que o sujeito necessariamente percebe essa impossibilidade: a persistência da insatisfação pode ser interpretada não como limite do ideal, mas como sinal de que ainda falta alguma coisa, como mais dinheiro, um corpo mais desejável, mais reconhecimento ou mais sucesso. Nesse caso, aquilo que poderia colocar o ideal em questão pode, ao contrário, renovar o investimento nele.

É justamente nesse ponto que a leitura psicanalítica encontra outra lógica presente nos discursos Red Pill: o aumento do próprio valor. Vallerga e Zurbriggen (2022), ao analisarem publicações da comunidade The Red Pill, identificam forte ênfase no autoaperfeiçoamento, envolvendo desenvolvimento físico, sociabilidade, dinheiro e mudanças comportamentais. Nos materiais analisados pelos autores, essas práticas aparecem explicitamente relacionadas à possibilidade de aumentar o Sexual Market Value e de ascender nas classificações masculinas. Diferentemente dos espaços incel também examinados no estudo, nos quais determinadas posições masculinas tendem a aparecer como pouco modificáveis, a Red Pill enfatiza a possibilidade de transformação por meio de um processo intensivo de autoaperfeiçoamento.

A utilização de uma linguagem de valor para descrever homens e relações afetivas não parece ser apenas uma escolha de vocabulário. Van Valkenburgh (2021), ao analisar materiais considerados centrais pela própria comunidade Red Pill, identifica uma articulação entre masculinidade, teorias econômicas e racionalidade neoliberal. As relações sexuais e afetivas passam a ser interpretadas segundo uma lógica de mercado, na qual os sujeitos administram recursos, calculam vantagens e procuram maximizar resultados. Soares (2025) encontra movimento semelhante em materiais Red Pill brasileiros e estrangeiros: conceitos como Valor Sexual de Mercado participam de uma tradução das relações íntimas para uma linguagem econômica, e o autor descreve uma "espiral estafante" de autovalorização envolvendo enriquecimento, reconhecimento, status e construção corporal.

Van Valkenburgh (2021), Vallerga e Zurbriggen (2022) e Soares (2025) não estão descrevendo um mecanismo psíquico baseado na falta. A aproximação é feita neste estudo, colocando duas formulações em diálogo: de um lado, uma leitura psicanalítica segundo a qual nenhuma aquisição elimina definitivamente a falta e, de outro lado, uma racionalidade que permite responder à insuficiência por meio da possibilidade de aumentar continuamente o próprio valor. As duas perspectivas não são equivalentes. O interesse está justamente na tensão entre elas: o que acontece quando uma experiência de insuficiência encontra uma linguagem que a traduz em termos de valor individual a ser maximizado?

Não se está afirmando que os homens inseridos nesses espaços formulem conscientemente essas perguntas ou que essa dinâmica constitua um mecanismo universal. A hipótese é mais delimitada: em determinadas relações com o ideal, a persistência da insuficiência pode ser interpretada dentro da própria lógica de autovalorização. Se aquilo que foi alcançado não ofereceu a posição esperada, a frustração não produziria necessariamente o abandono do ideal; poderia renovar o investimento na tentativa de corresponder a ele. Nesse sentido, o que persiste como falta pode ser novamente localizado em algo ainda não suficientemente conquistado, fazendo com que a chegada ao ideal permaneça continuamente adiada.

Essa questão conduz a outro problema. Até aqui, foi possível falar de valor como se ele pertencesse exclusivamente ao indivíduo, mas "alto valor" é necessariamente uma expressão comparativa: não existe "alto" sem alguma referência em relação à qual uma posição possa ser considerada superior. Vallerga e Zurbriggen (2022) mostram que a tipologia encontrada nos espaços analisados organiza homens em posições distintas: o alpha aparece associado à atratividade, ao poder e ao sucesso sexual, enquanto o beta ocupa uma posição desvalorizada. A literatura oferece, portanto, sustentação para falar em classificações hierárquicas entre homens. A leitura proposta aqui acrescenta um passo: aumentar o próprio valor significa também mover-se em relação aos demais.

Essa tensão não exige concluir que não exista comunidade nesses espaços. Pelo contrário, Soares (2025) mostra que a comunidade Red Pill oferece textos introdutórios, relatos, depoimentos e aquilo que é apresentado como "teoria Red Pill", além de orientações relacionadas à forma física, dinheiro, habilidades sociais e relações de poder. Pertencimento e competição, portanto, não precisam funcionar como movimentos opostos. Homens podem compartilhar uma linguagem, uma interpretação das próprias experiências e um ideal comum enquanto, simultaneamente, são posicionados de maneira desigual diante desse mesmo ideal. A comunidade pode aproximar os sujeitos em torno de uma lógica compartilhada sem necessariamente colocá- los em uma posição de igualdade.

Isso não significa afirmar que todo homem inserido na cultura Red Pill deseje tornar-se influenciador, coach ou autoridade para outros homens. A literatura não oferece base para essa generalização, tampouco para uma trajetória obrigatória na qual todo seguidor terminaria ocupando essa posição. O que ela permite observar é a existência de figuras que ocupam publicamente o lugar de ensinar outros homens a transformar a si mesmos. No contexto analisado por Soares (2025),

aparecem influenciadores, canais e serviços de consultoria voltados ao chamado desenvolvimento pessoal masculino, além do coaching como guia para o autoaperfeiçoamento. Consideramos, então, que a posição daquele que ensina pode constituir uma das formas de realização do próprio ideal. O sujeito não aparece apenas como alguém que procura corresponder ao modelo, mas como aquele que afirma conhecê-lo suficientemente para transmiti-lo aos demais.

O QUE ACONTECE COM AQUILO QUE NÃO CABE NO IDEAL?

Em um primeiro momento, pertencimento e competição podem parecer movimentos contraditórios. Homens encontram nesses espaços uma linguagem compartilhada, referências e explicações para experiências comuns, mas também são inseridos em uma lógica que os compara e os posiciona de maneira desigual. Talvez a contradição esteja justamente em imaginar que pertencimento e reconhecimento existam fora dessa lógica. Em determinados espaços, eles também podem ser atravessados pela performance.

Aquilo que não cabe no ideal, entretanto, não necessariamente desaparece. Pode permanecer nos bastidores da performance. Essa formulação não pretende afirmar que todos os homens inseridos nesses espaços escondam conscientemente seus sofrimentos, nem que exista uma divisão simples entre uma identidade pública falsa e uma experiência privada verdadeira. Trata-se de perguntar o que acontece com determinadas dimensões da experiência quando sua expressão pode colocar em questão justamente a posição masculina através da qual o sujeito procura reconhecimento. Se vulnerabilidade, dependência, medo ou fracasso são percebidos como sinais de menor valor, sua presença pode entrar em conflito com aquilo que precisa ser demonstrado para sustentar a performance.

Botto e Gottzén (2024), ao analisarem relatos de jovens que anteriormente se identificavam com a Red Pill, encontraram experiências de vulnerabilidade associadas tanto à entrada quanto ao afastamento desses espaços. Entre elas estavam dificuldades amorosas, inexperiência sexual, bullying, solidão, baixa autoestima e dificuldades para corresponder às expectativas da masculinidade heterossexual. Os autores observam que a atração pela Red Pill podia ocorrer justamente porque ela oferecia uma resposta para essas vulnerabilidades. Em vez de partir da imagem de sujeitos já inteiramente identificados com uma ideologia, o estudo permite acompanhar trajetórias nas quais sofrimento, busca por explicações e pertencimento também participam da aproximação.

Esse achado impede uma compreensão simplificada segundo a qual os sujeitos chegariam a esses espaços apenas por já compartilharem integralmente seus pressupostos ideológicos. Nos casos estudados por Botto e Gottzén (2024), há experiências anteriores de sofrimento e vulnerabilidade. White e Zarling (2026) também destacam o papel de experiências afetivas na aproximação de meninos e jovens com a manosfera, mostrando como solidão, rejeição e outras vulnerabilidades podem ser reinterpretadas nesses ambientes através de narrativas que atribuem suas causas às mulheres, ao feminismo ou às transformações das relações de gênero. Os autores não afirmam que essas experiências conduzam necessariamente à manosfera; apontam-nas como parte de um contexto relacional mais amplo que precisa ser considerado.

Se aquilo que não cabe no ideal permanece existindo, o discurso nunca consegue encerrar completamente a questão do sujeito. A vulnerabilidade escondida, a frustração que retorna, a insuficiência que reaparece ou a impossibilidade de sustentar continuamente a performance podem produzir novos conflitos. E é justamente aí que a análise precisa evitar qualquer determinismo. Botto e Gottzén (2024), ao estudarem trajetórias de saída, mostram que a vulnerabilidade também pode participar dos processos pelos quais antigos adeptos passam a questionar a Red Pill. Alguns entrevistados relatam experiências pessoais que contradiziam os ensinamentos recebidos; outros passaram a perceber inconsistências na própria teoria ou efeitos negativos desses discursos em suas relações e em sua vida.

A partir desses achados, não se sustenta uma trajetória única. Alguns sujeitos podem aprofundar seu investimento nesses discursos; outros podem negociá-los, reinterpretá-los, contradizê-los ou abandoná-los. Essa enumeração expressa uma abertura analítica deste estudo, não uma classificação proposta por Botto e Gottzén (2024) ou por White e Zarling (2026). A questão passa a ser observar aquilo que o discurso oferece, aquilo que o sujeito encontra nele, aquilo que precisa esconder para permanecer correspondendo ao ideal e aquilo que continua escapando. A mesma vulnerabilidade que, em determinada trajetória, participa da aproximação pode, em outra, integrar um processo de questionamento.

Se a relação entre sujeito e cultura é uma relação de mão dupla, nenhum discurso encontra um sujeito sem história, identificações, vínculos, conflitos e desejos anteriores. A Red Pill pode oferecer uma gramática para interpretar experiências, mas essa gramática encontra experiências que não foram produzidas exclusivamente por ela e que também podem entrar em contradição com aquilo que ela afirma. Talvez seja precisamente nesse espaço de não coincidência que se encontre uma possibilidade de ruptura. Se o sujeito nunca coincide completamente com o ideal que procura encarnar, o que pode acontecer quando aquilo que permaneceu escondido nos bastidores da performance começa a colocar o próprio ideal em questão?

QUANDO O IDEAL FALHA, O QUE RESTA AO SUJEITO?

Se o sujeito nunca coincide completamente com o ideal que procura encarnar, é necessário perguntar o que pode acontecer quando essa distância se torna perceptível. A permanência da vulnerabilidade, da frustração ou da sensação de insuficiência pode revelar que a transformação prometida não foi capaz de eliminar aquilo que inicialmente mobilizou a busca pelo ideal. Entretanto, seria inadequado supor que essa experiência produzirá necessariamente seu abandono. O fracasso do ideal não possui um destino único, e é justamente essa indeterminação que precisa ser preservada.

Como discutido anteriormente, uma possibilidade é que aquilo que poderia colocar o ideal em questão seja interpretado como demonstração de que ele ainda não foi suficientemente alcançado. Se o reconhecimento esperado não veio, talvez seja necessário aumentar o próprio valor; se a rejeição permanece, tornar-se mais desejável; se ainda existe insegurança, tornar-se mais forte. Essa não é uma conclusão empírica apresentada pelos estudos citados. Trata-se de uma hipótese de leitura construída aqui a partir do encontro entre a literatura sobre Red Pill e a perspectiva psicanalítica mobilizada no trabalho.

É nesse sentido que a metáfora do "buraco de minhoca" pode representar uma possibilidade desse movimento. O sujeito procura uma saída para determinado sofrimento, encontra uma explicação e um caminho de transformação, mas aquilo que permanece sem resolução pode ser novamente interpretado através da mesma lógica que ofereceu a resposta inicial. A solução conduz novamente ao problema, agora reorganizado como necessidade de maior transformação, desempenho ou valor. Trata-se de uma metáfora proposta neste estudo, e não de um conceito retirado da literatura. Sua função é tornar visível uma possível retroalimentação entre insuficiência e maior investimento no ideal, sem pretender descrevê-la como destino de todos os sujeitos que entram em contato com a Red Pill.

Entretanto, o fracasso também pode abrir outra possibilidade. Botto e Gottzén (2024) mostram que experiências de vulnerabilidade não participam apenas das trajetórias de aproximação, mas podem integrar processos de afastamento da Red Pill. Nos relatos analisados pelos autores, experiências concretas que contradiziam pressupostos Red Pill, questionamentos sobre sua base explicativa e efeitos negativos percebidos nas relações aparecem entre os elementos associados à saída. Isso impede que a fissura produzida pelo fracasso do ideal receba um destino antecipado. Ela pode ser novamente capturada pela promessa de autovalorização, mas também pode participar do questionamento da própria resposta oferecida pelo discurso.

Essa indeterminação é central para preservar a singularidade do sujeito. A psicanálise não permite transformar a presença de um ideal em destino subjetivo. Se o sujeito nunca coincide inteiramente com aquilo que procura encarnar, algo permanece capaz de tensionar essa identificação. A questão não é imaginar um sujeito exterior à cultura, mas reconhecer que sua relação com os discursos que o atravessam não é uma relação de correspondência perfeita. O discurso oferece sentidos e posições possíveis, mas não consegue antecipar integralmente o modo singular como cada sujeito irá se relacionar com eles.

Talvez seja justamente nessa abertura que exista uma possibilidade de ruptura. Não porque o sujeito possa simplesmente colocar-se fora da cultura que o constitui, mas porque aquilo que anteriormente aparecia como natural pode deixar de ser inevitável. A afirmação "um homem deve ser assim" pode, em determinadas condições, transformar-se em uma pergunta diferente. Por que um homem precisaria ser assim? Essa mudança parece pequena, mas desloca a norma da posição de evidência para a posição de algo que pode ser interrogado.

Essa passagem não acontece espontaneamente e tampouco depende exclusivamente do indivíduo. Se os discursos sobre masculinidade circulam através da família, da escola, dos grupos de pares, da religião, da mídia e dos ambientes digitais, essas mesmas instituições participam das condições pelas quais determinados ideais podem ser reproduzidos, negociados ou questionados. Não existe, portanto, uma ruptura puramente individual de um problema que também é cultural. É nesse ponto que a discussão sobre subjetivação retorna aos espaços de circulação examinados anteriormente e abre a questão das possibilidades de mediação crítica.

Se não existe um lugar exterior à cultura de onde seja possível simplesmente ensinar ao sujeito como ele deve ser, quais possibilidades de mediação crítica podem criar espaço para que ele interrogue aquilo que lhe é apresentado como a única forma possível de ser homem?

É POSSÍVEL PRODUZIR OUTRAS POSSIBILIDADES?

Se os discursos que atravessam a construção das masculinidades não surgem exclusivamente nos ambientes digitais, mas circulam entre diferentes espaços de socialização, pensar possibilidades de intervenção exige evitar localizar o problema na internet e imaginar que bastaria ensinar crianças e adolescentes a rejeitarem determinados conteúdos. Como discutido ao longo deste trabalho, família, escola, grupos de pares, religião, mídia e plataformas digitais não constituem espaços isolados. Participam, de maneiras distintas, de uma cultura na qual determinadas expectativas sobre aquilo que significa ser homem já circulavam antes mesmo da emergência da Red Pill. A questão interventiva, portanto, não pode ser reduzida à retirada de um discurso considerado inadequado e sua substituição por outro considerado correto. Se a própria construção das masculinidades ocorre

em uma rede de relações, a mediação também precisa ser pensada dentro dessa rede.

Essa dificuldade aparece de maneira particularmente importante quando se pensa a escola e a família como possíveis dispositivos de mediação. Se essas instituições participam da constituição e circulação de normas de gênero, não podem ser compreendidas como espaços neutros, exteriores àquilo sobre o que pretendem intervir. Borges e Graupe (2024) mostram que as brincadeiras, as relações e a organização dos espaços na educação infantil podem reproduzir, negociar e tensionar normas de gênero. O silêncio institucional sobre gênero, portanto, não significa ausência dessas questões. Expectativas sobre meninos e meninas continuam circulando nas brincadeiras, nas relações e nas formas de organizar o cotidiano, mesmo quando não são tematizadas explicitamente.

Talvez não seja possível construir uma intervenção capaz de impedir que crianças sejam atravessadas por discursos sobre masculinidade, justamente porque não existe uma infância constituída fora da cultura. Também seria contraditório pretender produzir um sujeito livre de qualquer ideal, identificação ou referência simbólica. A questão interventiva, tal como é pensada neste estudo, passa menos pela promessa de eliminar essas referências e mais pela criação de condições para que elas possam ser interrogadas. Isso desloca a intervenção de uma lógica de simples correção para uma lógica de mediação crítica, sem retirar a necessidade de estabelecer limites diante de violências e discriminações.

Essa problemática torna-se ainda mais complexa nos ambientes digitais. Haslop et al. (2024), ao analisarem conteúdos de Andrew Tate e grupos focais com meninos de 13 e 14 anos, mostram que a circulação dessas ideias não ocorre apenas através de uma relação unilateral entre influenciador e espectador. Humor, choque, medo e autenticidade podem adquirir valor nas relações entre os próprios meninos, funcionando como aquilo que os autores denominam moedas homossociais. Assim, conteúdos provenientes da manosfera atravessam fronteiras entre online e offline, entrando nas relações entre pares e nas formas pelas quais masculinidades são reconhecidas, negociadas, reproduzidas ou contestadas. A contribuição dos autores é particularmente importante porque desloca a atenção do conteúdo isolado para as relações sociais que ajudam a fazê-lo circular.

Haslop et al. (2024) também argumentam que atacar diretamente as mensagens de Andrew Tate pode produzir efeitos contraproducentes, fortalecendo sua apresentação como figura dissidente ou perseguida. Como alternativa, os autores defendem uma educação crítica que possibilite aos jovens compreender não apenas o conteúdo dessas mensagens, mas também os mecanismos através dos quais influenciadores constroem autoridade, visibilidade e lucro, incluindo modelos de negócio e formas de desinformação de gênero e sexual mobilizadas em sua circulação. Aqui é importante manter a distinção. Essa proposta é dos próprios autores.

A literacia digital crítica aparece, portanto, não apenas como capacidade técnica de utilizar plataformas, mas como possibilidade de compreender que aquilo que aparece repetidamente em uma tela não constitui necessariamente uma representação espontânea ou neutra da realidade. As próprias plataformas possuem mecanismos de visibilidade, recomendação e circulação que participam daquilo que chega ao usuário. Além disso, Haslop et al. (2024) mostram como conteúdos provocativos, chocantes e polarizadores podem adquirir especial circulação nas economias de atenção das redes sociais. A partir disso, este trabalho acrescenta que problematizar um discurso exige também problematizar as condições pelas quais ele se apresenta como verdadeiro, popular ou aparentemente consensual.

Os espaços educativos também podem produzir fissuras nas fronteiras rígidas do masculino. Estudos sobre educação infantil mostram que normas de gênero são reproduzidas no cotidiano escolar, mas também podem ser tensionadas (Borges & Graupe, 2024). O que interessa aqui é justamente essa possibilidade: os espaços educativos podem participar tanto da reprodução quanto do tensionamento de normas masculinas. Isso impede que a escola seja pensada apenas como lugar de correção posterior de discursos produzidos “fora” dela.

Se a Red Pill oferece uma narrativa capaz de organizar experiências de rejeição, insegurança, sofrimento e inadequação através de respostas relativamente fechadas sobre homens e mulheres, uma mediação crítica não precisaria necessariamente responder oferecendo outra explicação igualmente fechada. Talvez sua potência esteja também em interromper momentaneamente essa certeza e transformar aquilo que aparece como evidência em questão. Em vez de responder apenas “isso está errado”, pode ser importante perguntar como determinada certeza foi produzida, o que ela exige do sujeito e quais experiências ela precisa excluir para continuar parecendo evidente.

Diante da afirmação de que “homens não choram”, por exemplo, a intervenção pode ultrapassar a simples correção da frase. Perguntar por que um homem não poderia chorar, de onde essa ideia veio, o que estaria ameaçado caso ele demonstrasse sofrimento e por que determinada emoção comprometeria sua masculinidade transforma aquilo que inicialmente aparecia como evidência em uma questão. O exemplo é nosso, e não uma técnica retirada dos trabalhos citados. Isso não significa abandonar o posicionamento diante de discursos misóginos ou discriminatórios, tampouco permitir que violências circulem sem limites em nome de uma suposta abertura ao diálogo. Significa reconhecer que a crítica pode operar também através da desnaturalização das certezas que sustentam essas falas.

Haslop et al. (2024) propõem, entre outras estratégias, oferecer aos jovens versões positivas

e alternativas de masculinidade. A proposição é importante por ampliar o repertório disponível aos meninos diante de modelos masculinos rígidos. Entretanto, a partir da perspectiva psicanalítica mobilizada neste trabalho, acrescenta-se uma questão que não é formulada nesses termos pelos autores. Até que ponto a intervenção deve oferecer um novo ideal de homem e até que ponto pode também permitir que a própria necessidade de corresponder integralmente a um ideal seja interrogada?

Não se trata, portanto, de substituir o "homem alpha" por uma nova figura obrigatória do homem "correto", "sensível" ou "desconstruído". Essa é uma derivação deste trabalho a partir do diálogo entre a literatura educacional e a perspectiva psicanalítica. A substituição de um modelo rígido por outro poderia manter intacta a lógica segundo a qual existe uma forma completa e correta de ser homem à qual o sujeito deveria corresponder. Ampliar possibilidades de masculinidade não precisa significar estabelecer uma nova lista de características que todos os meninos deveriam apresentar.

A mediação crítica pode, assim, operar em pelo menos duas direções articuladas. Uma delas é ampliar as possibilidades de identificação e de existência das masculinidades; a outra é sustentar espaços nos quais os próprios ideais possam ser interrogados. Para a Psicologia e para os espaços educativos, isso implica reconhecer sofrimento e vulnerabilidade sem transformá-los automaticamente em deficiência masculina, problematizar hierarquias e violências sem reduzir o sujeito ao discurso que reproduz e compreender os ambientes digitais como parte das relações sociais, e não como uma realidade separada. Implica também reconhecer que escutar um sujeito não é o mesmo que validar toda explicação que ele oferece para seu sofrimento. É possível acolher a experiência e, ao mesmo tempo, tensionar as respostas misóginas, hierárquicas ou violentas através das quais ela pode estar sendo organizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho partiu de uma pergunta sobre a circulação dos discursos de masculinidade associados à cultura Red Pill e sobre as maneiras pelas quais esses discursos podem atravessar a construção das masculinidades na infância. Ao longo da pesquisa, entretanto, essa pergunta exigiu alguns cuidados. O principal deles foi evitar uma relação direta entre a presença de determinado discurso na cultura e a forma como um sujeito irá se constituir. Se a masculinidade é construída em meio às relações sociais, aos processos identificatórios e aos diferentes espaços nos quais o sujeito está inserido, não seria possível pensar a criança apenas como receptora passiva daquilo que circula ao seu redor.

A análise da cultura Red Pill mostrou que ela se insere em um conjunto mais amplo de comunidades que compõem a manosfera e organiza determinados discursos sobre homens, mulheres e relações de gênero. Nesse contexto, figuras como o homem "alpha" e o "homem de alto valor" aparecem associadas a características como força, virilidade, domínio, sucesso, reconhecimento e capacidade de conquista. Ao mesmo tempo, o percurso realizado neste trabalho permitiu perceber que esses ideais não foram simplesmente inventados pela Red Pill. Muitas das características valorizadas nesses espaços possuem uma história anterior e encontram relação com formas já existentes de produção e hierarquização das masculinidades.

Essa constatação se mostrou especialmente importante quando a discussão foi deslocada para a infância. As pesquisas analisadas indicam que as expectativas sobre o masculino atravessam as experiências dos meninos desde cedo e circulam por diferentes espaços de socialização. Família, escola, pares e cultura participam desse processo, nem sempre apresentando referências iguais ou coerentes entre si. Os ambientes digitais passam a integrar esse conjunto de relações e ampliam os caminhos pelos quais discursos sobre masculinidade podem circular. Por isso, parece insuficiente pensar a questão somente em termos de exposição a conteúdos Red Pill. Uma ideia encontrada em um ambiente digital pode ser repetida, transformada em brincadeira, reconhecida pelo grupo, recusada ou colocada em conflito com outras referências.

Foi justamente a diferença entre circulação e incorporação que levou a discussão para a psicanálise. Se é possível acompanhar socialmente os caminhos de um discurso, isso não significa que seja possível antecipar o lugar que ele ocupará para cada sujeito. Os processos identificatórios não funcionam como uma reprodução automática dos modelos disponíveis na cultura. O sujeito se constitui em relação com diferentes referências, que podem inclusive entrar em contradição. Assim, a cultura Red Pill pode ser compreendida como uma referência contemporânea entre outras que participam do campo cultural no qual as masculinidades são construídas, sem que sua presença determine por si só uma forma específica de constituição subjetiva.

A leitura psicanalítica também permitiu interrogar o próprio ideal masculino oferecido por esses discursos. A figura do "homem de alto valor" chama atenção não apenas pelas características que reúne, mas pela lógica de comparação que a própria expressão carrega. Falar em alto valor pressupõe que seja possível medir, aumentar e reconhecer esse valor. Corpo, dinheiro, sucesso profissional, conquistas sexuais, domínio e reconhecimento podem aparecer, nesse sentido, como elementos através dos quais o homem procura demonstrar sua posição.

Quando essa lógica é aproximada das discussões psicanalíticas sobre ideal, falta, desejo e virilidade, surge uma tensão importante para este trabalho. Se nenhuma aquisição é capaz de

produzir uma condição definitiva de completude, a promessa de aumentar continuamente o próprio valor pode não encontrar um ponto evidente de encerramento. Aquilo que ainda falta pode ser interpretado como sinal de que é necessário tornar-se mais forte, mais reconhecido, mais desejável ou mais bem-sucedido. Essa aproximação não pretende estabelecer um mecanismo universal para os homens que se identificam com a Red Pill. Ela funciona como uma hipótese de leitura sobre a relação que determinados sujeitos podem estabelecer com um ideal que organiza o valor masculino através da comparação e da performance.

Ao mesmo tempo, seria insuficiente compreender esses espaços apenas pela exigência que produzem. A literatura analisada também permite considerar que experiências de vulnerabilidade, rejeição e inadequação podem participar da aproximação de alguns jovens com comunidades da manosfera. Nesses espaços, o sofrimento pode encontrar explicações, linguagem compartilhada e reconhecimento. Essa dimensão ajuda a compreender por que respostas aparentemente rígidas sobre homens e mulheres podem adquirir relevância para determinados sujeitos. O mesmo elemento que aproxima, entretanto, não determina a permanência. As trajetórias analisadas pela literatura também mostram possibilidades de questionamento e afastamento.

Chegamos, assim, a um ponto central para responder ao problema desta pesquisa. Os discursos associados à Red Pill podem participar do campo mais amplo de referências sobre masculinidade que circulam socialmente e, nesse sentido, podem atravessar os contextos nos quais as masculinidades são construídas desde a infância. Esse atravessamento, porém, não deve ser confundido com determinação. Entre aquilo que circula culturalmente e aquilo que passa a participar da constituição subjetiva existe um sujeito com uma história singular, diferentes identificações, vínculos, conflitos e desejos. É nesse intervalo que a perspectiva psicanalítica se mostrou particularmente importante para este trabalho.

Essa compreensão também modifica a maneira de pensar as possibilidades de intervenção. Se o problema não consiste simplesmente na presença de um conteúdo que produz determinado efeito, uma mediação crítica dificilmente poderia se limitar à proibição desses conteúdos ou à apresentação de um novo modelo considerado correto de masculinidade. A partir das possibilidades de mediação discutidas ao longo do trabalho, Psicologia e espaços educativos aparecem como espaços possíveis para ampliar referências, problematizar hierarquias e violências presentes nesses discursos e criar condições para que aquilo que aparece como natural ou inevitável possa ser interrogado.

Nesse sentido, talvez não seja suficiente substituir a exigência de ser um homem “alpha” ou “de alto valor” pela exigência de corresponder a outro modelo igualmente fechado de homem. Uma intervenção que pretenda questionar formas rígidas de masculinidade precisa ter cuidado para não reproduzir a mesma lógica prescritiva que procura problematizar. Mais do que oferecer uma resposta definitiva sobre como um homem deveria ser, parece importante sustentar espaços nos quais diferentes possibilidades de existência possam aparecer e nos quais o próprio sujeito possa interrogar os ideais diante dos quais procura se reconhecer.

Por se tratar de uma revisão narrativa da literatura, este trabalho não permite estabelecer relações causais entre a circulação dos discursos Red Pill e a constituição das masculinidades na infância, nem avaliar empiricamente os efeitos de estratégias específicas de intervenção. A própria aproximação entre infância, cultura Red Pill e psicanálise foi construída a partir do diálogo entre campos distintos, o que delimita o alcance das conclusões apresentadas. Pesquisas futuras podem aprofundar essa discussão a partir da escuta de crianças e adolescentes, da investigação de contextos escolares e digitais específicos e da análise de práticas de mediação já desenvolvidas nesses espaços.

Ao final desse percurso, talvez a questão mais importante não seja descobrir se a cultura Red Pill é capaz de produzir determinado tipo de homem. O caminho desenvolvido neste trabalho aponta para uma pergunta menos linear. O que acontece quando determinados ideais sobre o que um homem deve ser passam a circular entre as diferentes referências de masculinidade que atravessam crianças e jovens? Manter essa pergunta aberta não significa negar a força que esses discursos podem adquirir, mas reconhecer que entre aquilo que circula na cultura e aquilo que passa a ocupar um lugar para o sujeito existe um processo que não pode ser antecipado por completo. Talvez seja justamente nesse intervalo que se encontre uma das principais contribuições da psicanálise para esta discussão.

REFERÊNCIAS

Bartolomei, L. T. (2019). *A questão das identificações e identidades de gênero: um estudo teórico-clínico psicanalítico* [Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo].

Bello, A. T., & Felipe, J. (2010). Delineando masculinidades desde a infância. *Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação, 12*(2), 175–182.

Bird, S. R. (1996). Welcome to the men's club: Homosociality and the maintenance of hegemonic masculinity. *Gender & Society, 10*(2), 120–132. https://doi.org/10.1177/089124396010002002

Borges, T., & Graupe, M. E. (2024). As brincadeiras na educação infantil possibilitam a construção da equidade de gênero? *Contexto & Educação, 39*(121), e14882, 1–23.

https://doi.org/10.21527/2179-1309.2024.121.14882
Botto, M., & Gottzén, L. (2024). Swallowing and spitting out the red pill: Young men, vulnerability, and radicalization pathways in the manosphere. *Journal of Gender Studies, 33*(5), 596–608. https://doi.org/10.1080/09589236.2023.2260318
Ceccarelli, P. R. (1998). A masculinidade e seus avatares. *Catharsis, 4*(19), 10–11.
Connell, R. W., & Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: Repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas, 21*(1), 241–282.
Haslop, C., Ringrose, J., Cambazoglu, I., & Milne, B. (2024). Mainstreaming the manosphere's misogyny through affective homosocial currencies: Exploring how teen boys navigate the Andrew Tate effect. *Social Media + Society, 10*(1), 1–11. https://doi.org/10.1177/20563051241228811
Lima, V. M. (2022). *Homens em análise: destinos do falo e travessias da virilidade na psicanálise lacaniana* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais].
Peixoto, T. M., & César, M. R. A. (2023). Masculinidades na infância e a educação escolar. *Cadernos da Pedagogia, 17*(38), 523–535.
Ribeiro, M. H., Blackburn, J., Bradlyn, B., De Cristofaro, E., Stringhini, G., Long, S., Greenberg, S., & Zannettou, S. (2021). The evolution of the manosphere across the web. *Proceedings of the International AAAI Conference on Web and Social Media, 15*(1), 196–207. https://doi.org/10.1609/icwsm.v15i1.18053
Sampaio, R. S., & Garcia, C. A. (2010). Dissecando a masculinidade na encruzilhada entre a psicanálise e os estudos de gênero. *Psicologia em Revista, 16*(1), 81–102.
Silva, A. C. W., & Hennigen, I. (2024). Misoginia online: A Red Pill no ambiente virtual brasileiro. *Revista Feminismos, 12*(1).
Silva, A. F., Estrela, F. M., Magalhães, J. R. F., Gomes, N. P., Pereira, Á., Carneiro, J. B., Cruz, M. A., & Costa, D. M. S. G. (2022). Elementos constitutivos da masculinidade ensinados/apreendidos na infância e adolescência de homens que estão sendo processados criminalmente por violência contra a mulher/parceira. *Ciência & Saúde Coletiva, 27*(6), 2123–2131. https://doi.org/10.1590/1413-81232022276.18412021
Silva, F. C. F., & Macedo, M. M. K. (2012). A escuta do masculino na clínica psicanalítica contemporânea: Singularidades de um padecer. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 28*(2), 205–217. https://doi.org/10.1590/S0102-37722012000200009
Soares, G. H. A. (2025). *Engolindo a pílula neoliberal: da narrativa amorosa à estratégia sexual no masculinismo red pill* [Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo].
Vallerga, M., & Zurbriggen, E. L. (2022). Hegemonic masculinities in the "manosphere": A thematic analysis of beliefs about men and women on The Red Pill and Incel. *Analyses of Social Issues and Public Policy, 22*(2), 602–625.
Van Valkenburgh, S. P. (2021). Digesting the Red Pill: Masculinity and neoliberalism in the manosphere. *Men and Masculinities, 24*(1), 84–103. https://doi.org/10.1177/1097184X18816118
White, A. C., & Zarling, A. (2026). Masculinity development in the manosphere: An ecological systems perspective. *Journal of Family Theory & Review, 18*, 365–377. https://doi.org/10.1111/jftr.70065

The Man One Is Supposed to Be: Red Pill Culture, Masculinities, and Subjective Constitution

ABSTRACT

This article critically analyzes masculinity discourses disseminated by Red Pill culture and their social circulation, seeking to understand their possible relations with the construction of masculinities in childhood from a psychoanalytic perspective. The research problem asks how these discourses circulate across different spaces of socialization and how they may intersect with processes of subjective constitution without establishing a causal or deterministic relationship. This is a qualitative bibliographic study developed through a narrative literature review organized around three axes: Red Pill culture and the manosphere; masculinities and childhood; and psychoanalysis, masculinity, and subjective constitution. The analysis indicates that Red Pill culture reorganizes and intensifies ideals of masculinity that predate the manosphere, linking them to logics of hierarchy, performance, recognition, and self-valorization. In childhood, gender norms circulate through family, school, peers, culture, and digital environments, but their presence does not automatically determine the subject's position. Psychoanalysis makes it possible to locate an interval between cultural circulation and singular appropriation and to question ideals of virility, completeness, and "high value." The article concludes that critical mediation can broaden possibilities of identification and sustain spaces for questioning masculine ideals without replacing one rigid model of manhood with another.

Keywords: Masculinity. Red Pill. Childhood. Psychoanalysis. Manosphere.

El hombre que se debe ser: cultura Red Pill, masculinidades y constitución subjetiva

RESUMEN

Este artículo analiza críticamente los discursos de masculinidad difundidos por la cultura Red Pill y su circulación social, buscando comprender sus posibles relaciones con la construcción de las masculinidades en la infancia desde una perspectiva psicoanalítica. El problema de investigación interroga cómo estos discursos circulan entre distintos espacios de socialización y de qué modo pueden atravesar procesos de constitución subjetiva sin establecer una relación causal o determinista. Se trata de una investigación bibliográfica, de enfoque cualitativo, desarrollada mediante una revisión narrativa de la literatura organizada en tres ejes: cultura Red Pill y manosfera; masculinidades e infancia; y psicoanálisis, masculinidad y constitución subjetiva. El análisis indica que la Red Pill reorganiza e intensifica ideales de masculinidad anteriores a la propia manosfera, articulándolos con lógicas de jerarquía, desempeño, reconocimiento y autovalorización. En la infancia, las normas de género circulan por la familia, la escuela, los pares, la cultura y los entornos digitales, pero su presencia no determina automáticamente la posición del sujeto. La perspectiva psicoanalítica permite situar un intervalo entre circulación cultural y apropiación singular, además de interrogar los ideales de virilidad, completud y "alto valor". Se concluye que la mediación crítica puede ampliar las posibilidades de identificación y sostener espacios de cuestionamiento de los ideales masculinos sin sustituir un modelo rígido de hombre por otro.
Palabras clave: Masculinidad. Red Pill. Infancia. Psicoanálisis. Manosfera.

L'homme que l'on doit être : culture Red Pill, masculinités et constitution subjective

RÉSUMÉ

Cet article analyse de manière critique les discours sur la masculinité diffusés par la culture Red Pill et leur circulation sociale, afin de comprendre leurs relations possibles avec la construction des masculinités dans l'enfance à partir d'une perspective psychanalytique. La problématique interroge la manière dont ces discours circulent entre différents espaces de socialisation et peuvent traverser les processus de constitution subjective sans établir de relation causale ou déterministe. Il s'agit d'une recherche bibliographique qualitative menée au moyen d'une revue narrative de la littérature organisée autour de trois axes : culture Red Pill et manosphère ; masculinités et enfance ; psychanalyse, masculinité et constitution subjective. L'analyse indique que la Red Pill réorganise et intensifie des idéaux de masculinité antérieurs à la manosphère, en les articulant à des logiques de hiérarchie, de performance, de reconnaissance et d'auto-valorisation. Dans l'enfance, les normes de genre circulent à travers la famille, l'école, les pairs, la culture et les environnements numériques, mais leur présence ne détermine pas automatiquement la position du sujet. La perspective psychanalytique permet de situer un intervalle entre circulation culturelle et appropriation singulière, tout en interrogeant les idéaux de virilité, de complétude et de « haute valeur ». L'article conclut que la médiation critique peut élargir les possibilités d'identification et soutenir des espaces de questionnement des idéaux masculins sans remplacer un modèle rigide de masculinité par un autre.
Mots-clés: Masculinité. Red Pill. Enfance. Psychanalyse. Manosphère.

Submissões

O cadastro no sistema e posterior acesso, por meio de login e senha, são obrigatórios para a submissão de trabalhos, bem como para acompanhar o processo editorial em curso. Acesso em uma conta existente ou Registrar uma nova conta.

Condições para submissão

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

- ✔ A contribuição é original e inédita, e não está sendo avaliada para publicação por outra revista; caso contrário, deve-se justificar em "Comentários ao Editor".
- ✔ Os arquivos para submissão estão em formato Microsoft Word, OpenOffice ou RTF (desde que não ultrapassem 2MB), com exceção da Carta de Inedistismo, que está em formato PDF.
- ✔ URLs para as referências foram informadas quando necessário.
- ✔ O texto está em com espaçamento 1,5 entre linhas; usa uma fonte de 12-pontos; emprega itálico em vez de sublinhado (exceto em endereços URL); as figuras e tabelas estão inseridas no texto, não no final do documento, como anexos.
- ✔ O texto segue os padrões de estilo e requisitos bibliográficos descritos em Diretrizes para Autores, na seção Sobre a Revista.
- ✔ A identificação de autoria do trabalho foi removida do arquivo e da opção Propriedades no Word, garantindo desta forma o critério de sigilo da revista, caso submetido para avaliação

- por pares (ex.: artigos), conforme instruções disponíveis em Assegurando a Avaliação Cega por Pares .

- IMPORTANTE: os autores devem utilizar o layout/template disponibilizado pela revista para auxiliar na formatação, escrita e avaliação dos textos. A formatação do manuscrito é uma das condições para que ele seja enviado para avaliação. Caso esteja em desacordo com as normas da revista, o(s) autor(es) será(ão) convidado(s) a realizar a submissão novamente. Para acessar o arquivo do layout/template, Clique aqui.

- Ao submeter o manuscrito, anexar os dados dos autores em arquivo separado, como folha de rosto. Para acessar o arquivo da folha de rosto, Clique aqui.

- IMPORTANTE: a edição dos arquivos do Template e da Folha de Rosto devem ser feitas a partir de uma cópia ou download do documento disponibilizado no drive, e não através da solicitação de acesso como editor.

- É condição para publicação o envio de uma Carta de Ineditismo declarando que o manuscrito submetido a este periódico não foi publicado ou simultaneamente submetido em outro veículo de divulgação científica.

Diretrizes para Autores

Linha Editorial

A **Analytica: Revista de Psicanálise** tem como objetivo divulgar investigações e desenvolvimentos teóricos, relatos de pesquisa, debates, entrevistas, traduções e resenhas que apresentem análises críticas e reflexões fundamentadas no referencial psicanalítico. A revista também se dedica à publicação de artigos que promovam o diálogo entre a psicanálise e outros campos do saber, como a filosofia, as ciências sociais e afins, voltadas à compreensão da sociedade e da cultura.

Serão aceitas apenas propostas originais e que não tenham sido submetidas simultaneamente a outros periódicos.

A revista publica artigos em quatro línguas: português, espanhol, inglês e francês.

Processo de avaliação dos artigos

A revista conta com um conselho editorial-científico formado por pesquisadores de reconhecida competência na área de sua abrangência, vinculados a diferentes instituições de ensino e pesquisa do Brasil e do exterior.

Todos os manuscritos são submetidos à avaliação por pares, realizada por membros do conselho ou por pareceristas ad hoc indicados por sua competência no tema abordado. Esse processo é aplicado igualmente a artigos submetidos por autores nacionais e estrangeiros.

Os autores são notificados sobre o resultado da avaliação. Textos aprovados sem ressalvas seguem diretamente para publicação. Quando são solicitadas modificações, os autores recebem as orientações e têm a opção de aceita-las e reenviar o artigo revisado. Em caso de rejeição, a decisão é comunicada aos autores com a devida justificativa.

De forma esquemática, o processo de avaliação dos manuscritos segue as etapas abaixo:

1º: **Avaliação preliminar**: momento em que a equipe editorial verifica se o manuscrito está alinhado ao foco e escopo da Revista, bem como se atende às normas de submissão. Também é realizada a análise de similaridade por meio de ferramentas específicas. Caso sejam identificadas inconformidades, o Texto é devolvido aos autores para para as devidas correções.

2º: **Avaliação por pares** (sistema duplo-cego): etapa realizada por no mínimo dois pareceristas ad hoc, garantindo a imparcialidade e a integridade do processo. Em caso de avaliações divergentes, um terceiro avaliador será designado, cuja análise definirá a decisão final. A identidade dos autores e dos avaliadores é mantida em sigilo durante todo o processo.

Os manuscritos avaliados poderão receber os seguintes pareceres: aceito, aceito com modificações, reenviar para nova avaliação, rejeitado.

No expediente editorial (primeiro arquivo de cada volume da Revista), são divulgados os nomes de todos os pareceristas ad hoc que contribuíram para aquela edição, independentemente de os artigos avaliados terem sido aceitos ou rejeitados, em reconhecimento à importância do trabalho realizado durante o período editorial.

Normas para envio de artigos

Os artigos, com o máximo de 25 e o mínimo de 10 laudas, devem ser digitados em Word for Windows, versão 6.0 ou superior, com extensão (.doc), em fonte Times New Roman, tamanho 12, em folha de formato A4, com espaçamento 1,5 entre linhas, margens superior, inferior e laterais de 2 cm.

Os manuscritos submetidos à *Analytica: Revista de Psicanálise* devem seguir a estrutura adequada ao tipo de artigo apresentado:

- **Artigos teóricos**:
  - Título e resumo em português
  - Palavras-chave
  - Introdução
  - Seções de desenvolvimento teórico
  - Considerações finais
  - Referências
  - Resumo e palavras-chave em inglês, francês e espanhol.
- **Relatos de pesquisa empírica** (pesquisas de campo):
  - Título e resumo em português
  - Palavras-chave
  - Introdução
  - Metodologia
  - Resultados e discussão
  - Considerações finais
  - Referências
  - Resumo e palavras-chave em inglês, francês e espanhol.

Esses elementos devem estar organizados de forma clara e coerente, respeitando as normas formais e os critérios científicos estabelecidos pela revista.

- O manuscrito deve conter apenas o título do artigo, com as páginas numeradas sequencialmente a partir de 1, e sem qualquer identificação dos autores no corpo do texto.

As informações autorais (nome, afiliação institucional, e-mail, ORCID, etc.) devem ser inseridas exclusivamente nos metadados da submissão, por meio do site da revista (www.ufsj.edu.br/analytica), e também enviadas em arquivo separado, conforme o modelo de folha de rosto disponibilizado.

A submissão só será encaminhada para avaliação se os metadados estiverem devidamente preenchidos.

- No caso de investigações/desenvolvimentos teóricos, relatos de pesquisas, debates e entrevistas, deve-se incluir também um resumo de no máximo 300 palavras, logo abaixo do título, na mesma língua do trabalho, acompanhado de palavras-chave (no mínimo três e no máximo cinco), separadas por ponto. Ao final, após as referências, deve-se incluir também a versão do mesmo resumo em inglês (abstract), francês (résumé) e espanhol (resumen), todas as versões acompanhadas da tradução do título e das palavras-chave.

Resenhas, entrevistas e traduções podem ter o mínimo de três laudas e o máximo de 25 laudas.

O mínimo e o máximo de laudas permitidas incluem todos os elementos do texto, bem como os elementos pré e pós-textuais, como os resumos e a lista de referências.

Ativos Digitais

Tabelas: devem ser enviadas em arquivo separado, numeradas consecutivamente com algarismos arábicos, de acordo com a ordem em que aparecem no texto. A palavra "tabela" deve ser acompanhada de um título breve que permita compreender os dados nela reunidos. Se a tabela for reproduzida de outra fonte, o autor deve indicar a referência completa e anexar, no momento da submissão, a autorização para reprodução, quando aplicável.

Figuras: incluem imagens, ilustrações, fotografias, desenhos, gráficos, entre outros. Devem ser enviadas em arquivos separados, com boa qualidade gráfica, tamanho máximo de 100x150mm. Os autores devem indicar, no texto, os locais nos quais as figuras devem ser inseridas Caso as imagens tenham sido publicadas anteriormente, é obrigatório mencionar a fonte e anexar a permissão de reprodução no momento da submissão.

Os arquivos contendo tabelas devem estar em formato editável (word ou excel). As figuras devem estar cada uma em um arquivo separado, em formato jpg. ou png.

Citações e Referências

A **Analytica: Revista de Psicanálise** adota as Normas de Publicação da APA: Publication Manual of the American Psychological Association (7ª edição, 2020, https://apastyle.apa.org/). Como alternativa, sugere-se consultar os Manuais de Normatização de Trabalhos Científicos disponibilizados na Biblioteca Virtual em Saúde (http://www.bvs-psi.org.br/).

Citações

Todos os autores citados, apenas eles, devem constar nas referências no final do texto e em ordem alfabética pelo sobrenome do primeiro autor.

No caso de citação direta (textual) com menos de 40 palavras, o texto reproduzido vem entre aspas duplas no corpo do parágrafo, com indicação da página em que ele aparece na obra original da qual foi extraído.

Ex.: De acordo com Roudinesco e Plon (1998), "Primeiro país de implantação do freudismo na América Latina, o Brasil teve uma história muito diferente da Argentina" (p. 86).

Nesse caso, o nome do autor é apresentado como parte integrante do texto, a data da publicação deve vir logo após o nome, e a paginação da citação deve ser indicada ao final, entre parênteses.

Citações diretas com 40 palavras ou mais devem ser apresentadas em parágrafo próprio, sem aspas duplas, corpo 12, espaçamento 1,5, com recuo de 1,25 cm da margem esquerda e terminando com a margem direita sem recuo.

Ex. 1: No texto, Lacan (1966/1998) propõe que

. . . numa civilização em que o ideal individualista foi alçado a um grau de afirmação até então desconhecido, os indivíduos descobrem-se tendendo para um estado em que pensam, sentem, fazem e amam exatamente as mesmas coisas nas mesmas horas, em porções do

espaço estritamente equivalentes (pp. 146-147).

Ex. 2:

O conhecido através da consciência deve ser um algo, pois a mediação se refere ao mediado. Mas o sujeito, quintessência da mediação, é como é, enquanto contraposto ao objeto, nunca o que, postulado por qualquer representação concebível do conceito de sujeito (Adorno, 1995, p. 188).

No caso de citação indireta (não textual), o autor escreve com suas próprias palavras as ideias do autor consultado e não usa aspas, recuo e paginação. O sobrenome do autor deve ser escrito com a primeira letra em maiúsculo e o restante em minúsculo, tanto dentro como fora de parênteses.

Ex: (Chaves, 2002) ou Chaves (2002).

Quando for um texto de dois autores, citar os dois sobrenomes seguidos da data, toda vez que ocorrer a referência no texto.

Ex: Calazans e Lustosa (2008) ou (Calazans & Lustosa, 2008).

Sendo três autores ou mais, mencionar o sobrenome do primeiro autor seguido de “et al.” em cada citação do texto (desde a primeira).

Exemplo:

Kyrillos Neto *et al.*, 2009

(Kyrillos Neto *et al*., 2009).

Em citações do mesmo autor com mesmas datas de publicação, acrescenta-se uma letra minúscula logo após a data de publicação. Nas referências, as letras também devem ser

utilizadas.

Ex. 1: Rogers (1973a, 1973b, 1973c) trata da terapia centrada no cliente.

Ex. 2: A ênfase encontra explicações na terapia centrada no cliente (Rogers, 1973a, 1973b, 1973c).

Em citações de vários autores com uma mesma ideia, citar os autores obedecendo à ordem alfabética de seus sobrenomes.

Ex.1: Segundo Foulkes e Cartwright (1999), Lindzey (1977) e Schulze (1997) nas pesquisas sobre privação do sono, encontra-se frequentemente que, na ausência do sono REM, a pessoa tem falta de concentração, ataxia, problemas de memória e linguagem, chegando a experimentar alucinações.

Ex. 2: Nas pesquisas sobre privação do sono, encontra-se frequentemente que, na ausência do sono REM, a pessoa tem falta de concentração, ataxia, problemas de memória e linguagem, chegando a experimentar alucinações (Foulkes & Cartwright, 1999; Lindzey, 1977; Schulze, 1997).

Corporações, associações, instituições públicas ou privadas etc. devem ser escritas por extenso na primeira citação, com a abreviatura entre colchetes, e abreviadas nas citações subsequentes.

Ex: Banco Central do Brasil [BACEN] (2003)

BACEN (2003)

No caso de citação de citação, insira o autor, ano da obra não consultada, a expressão “como citado em” e insira o autor, ano e página da obra que está sendo consultada. Nas referências indica-se apenas os dados da obra consultada.

Ex. 1: “Na época atual, a dominação dos indivíduos pelas condições objetivas, o esmagamento dos indivíduos pela contingência, assumiram formas extremamente marcantes e totalmente universais . . .” (Marx & Engels, 1845, como citado em Sève, 1987, p. 148).

Ex. 2: Para Marx e Engels (1845) como citado em Sève (1987), “Na época atual, a dominação dos indivíduos pelas condições objetivas, o esmagamento dos indivíduos pela contingência, assumiram formas extremamente marcantes e totalmente universais . . .” (p. 148).

Para trechos de depoimentos ou entrevistas use a mesma formatação adotada para citações diretas: a citação com menos de 40 palavras virá entre aspas, dentro do texto; a citação com 40 palavras ou mais, virá com recuo do parágrafo a 1,25.

Ex. 1: Os “sem-terrinhas”, como eram chamadas as crianças, também tiveram seu espaço de atuação na plenária e na mística. E entraram cantando: “Criança do Brasil, do campo e da cidade. O direito de cidadão eu não abro mão. Somos criança temos direito popular, família e casa pra morar, saúde, educação, isso eu não abro mão”.

Ex. 2: Veja-se, a título de ilustração, o que diz o entrevistado 2:

A gente apanhou dos policiais. A gente tinha ido no Pico (lugar onde costumam fumar maconha) e chegaram alguns policiais de carro. Eles desceram e revistaram a gente. O Chico jogou um baseado para trás, na frente do policial. Aí eles (os policiais) arrancaram os distintivos e baixaram o pau. Disseram que iam fazer roleta russa com a gente.

Notas de rodapé devem ser evitadas, usadas somente para comentários, esclarecimentos ou explanações. Devem ser apresentadas em algarismos arábicos, sequenciais e no rodapé da mesma página.

Referências

As referências bibliográficas devem seguir a APA (American Psychological Assocciation) 7ª

edição. Elas devem:

- Ser listadas após as considerações finais, em ordem alfabética pelo último sobrenome do autor (apenas a inicial maiúscula), seguido das iniciais do(s) prenome(s) e outro(s) sobrenome(s) e a data entre parêntese;

- Conter deslocamento, a partir da segunda linha, de 1,2cm e alinhamento à esquerda;

- Para vários trabalhos do mesmo autor, liste-os em ordem cronológica, do mais antigo ao mais recente;

- Para obras com mais de um autor, usar o & (“e” comercial) antes do último autor;

- Independente do suporte físico (artigo, livro, DVD, documentos eletrônicos etc), apresentar as obras citadas em lista única;

- Para o destaque no título/subtítulo das publicações usar o itálico;

- Todo endereço eletrônico deve estar em link clicável (hiperlink).

Livros: indica-se o sobrenome do(s) autor(es) e nome abreviado, ano de publicação, título e subtítulo da obra (em itálico), número da edição e volume, local de e editora.

Ex. 1: Foucault, M. (1988). *História da sexualidade: a vontade de saber* (10ª ed.). Rio de Janeiro: Graal. (Obra original publicada em 1976).

Ex. 2: Chaves, W. C. (2005). *A determinação do sujeito em Lacan: da reintrodução na psiquiatria à subversão do sujeito* (vol. 1) São Carlos: EdUFSCAR.

Quando se tratar de obras publicadas em nome de entidades (instituições públicas ou privadas, organizações, associações etc), apresenta-se, como indicação de autor, o nome da entidade em letras minúsculas (se for uma entidade subordinada, seu nome vem em letras minúsculas e precedido pelo da entidade a que ela se subordina, em letras minúsculas).

Ex. 1: Associação Brasileira de Normas Técnicas. (2002). *NBR 6023: informação e documentação – referências – elaboração*. Rio de Janeiro.

Ex. 2: Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia. Serviço de Biblioteca e Documentação. (data). *Uma adaptação do estilo de normalizar de acordo com as normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas – 2002) NBR 6023* – Informação e Documentação - Referências - Elaboração. Recuperado em 20/11/2011 em: <manuais/normalizacaodereferenciasabnt.pdf>

Capítulos de livro: indica-se o(s) autor(es) do capítulo, ano da publicação, título do capítulo, autor(es) ou organizador(es) do livro em que se insere o capítulo precedido de In (no caso de dois autores utiliza-se &) título do livro em que se insere o capítulo (em itálico); número da edição, volume e páginas inicial e final entre parênteses, local de publicação, editora.

Ex. 1: Kyrillos Neto, F. (2009). Acepção da loucura e a constituição de seu espaço institucional em Foucault: um diálogo com a psicanálise. In Kyrillos Neto, F., Rufino, J. A. & Baptista, M. R. (Orgs.), *Espaços, sujeitos e sociedade: diálogos*. (Vol. 1, pp. 131-143). Barbacena: Editora de Universidade do Estado de Minas Gerais.

Ex. 2: Althusser, L. (1996). Ideologia e aparelhos ideológicos de estado: notas para uma investigação. In: Zizek, S. (Org.), *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto. (Obra original publicada em 1970).

Ex. 3: Freud, S. (1980). O mal-estar na civilização. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 21, pp. 140-300). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1930).

Dissertações ou teses: deve-se indicar autor, ano de publicação (entre parênteses), título (em itálico), grau (dissertação ou tese), instituição onde o trabalho foi defendido, cidade, estado, país.

Ex.: Chaves, W. C. (2006). O *estatuto do real em Lacan: dos primeiros escritos ao seminário 7, " a ética da psicanálise"*. Tese de doutorado, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São

Paulo, Brasil.

Artigos publicados em periódicos científicos: deve-se indicar autor(es) do artigo, ano de publicação, título do artigo, nome do periódico (em itálico), número/fascículo/suplemento - volume (número) – páginas.

Ex: Castro, J. E. (2008). A psicanálise e o tempo. *Psicanálise & Barroco em Revista*, 6(3), 60-74.

No caso de periódicos eletrônicos, acrescentam-se: Recuperado em (dia/mês e ano) e o endereço eletrônico.

Ex.: Calazans, R., Calzavara, M. G. P., Castro, J. E., Teixeira Filho, J. G. C., Chaves, W. C. & Dias, M. G. L. V. (2008). Articulações entre conceitos fundamentais da psicanálise, sua clínica e a pesquisa na universidade. *Interação em psicologia,* 12(1), 133-140. Recuperado em 20/11/2011 em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/psicologia>.

Trabalhos publicados em anais de eventos científicos (congressos, seminários, simpósios etc.): deve-se indicar autor(es) do trabalho, o ano e o mês do evento (entre parênteses), título do trabalho, nome do evento científico (em itálico), cidade, estado, país e o número (de ocorrência) do evento.

Quando se trata de anais disponíveis na internet, acrescentam-se: Recuperado em (dia/mês e ano) e o endereço eletrônico. Em se tratando de anais divulgados por meios eletrônicos, acrescentam-se também informações relativas à descrição física do meio eletrônico (número de disquetes, de CD-ROM etc.).

Ex. 1: Kyrillos Neto, F. (2006, outubro). A história da loucura: os limites da desconstrução em Foucault. *Colóquio Franco-brasileiro de Filosofia da Educação*, Rio de Janeiro, Brasil, 3.

Ex. 2: Calazans, R. (2005). A sexualidade e os impasses do novo psicologismo. *Congresso Nacional de Psicanálise da UFC - A Teoria da Sexualidade 100 anos depois*, Fortaleza, Ceará, Brasil. CD-Rom.

No caso de textos, trabalhos e documentos eletrônicos deve ser indicado o ano de publicação ou, caso a fonte seja atualizada regularmente, a data de atualização mais recente. Indicar após o título, informações suficientes para a localização do material. Usar os termos “recuperado” e “de” para a língua portuguesa e “retrieved” e “from” para a língua estrangeira. O endereço dever ser completo, permitindo o acesso imediato ao documento.

Para os casos não abordados nos exemplos supracitados, consultar o manual APA 7ª edição ou os Manuais de Normatização de Trabalhos Científicos disponibilizados na Biblioteca Virtual em Saúde (http://www.bvs-psi.org.br/).

Sessões

No momento da submissão, escolher a sessão para a qual o manuscrito deve ser direcionado. São elas:

Artigo: contempla estudos teóricos, revisões de literatura, relatos de experiência e relatos de pesquisa.

Resenha: resumo crítico de obras nacionais (publicadas nos últimos dois anos) ou estrangeiras (publicadas até 5 anos), cujo objetivo é orientar o leitor em relação a aspectos do livro, como características, possibilidades e contribuições para o campo da Psicologia. Além disso, deve, obrigatoriamente, identificar um referencial teórico.

Entrevista: realizadas com autores ou profissionais que possuem contribuições relevante para a área. Devem conter o(s) nome(s) do(s) entrevistado(s) e entrevistador(es) e uma apresentação de no máximo uma página, visando situar o entrevistado para os leitores. É necessário o envio de concordância do(s) entrevistado(s) com a publicação do material.

Tradução: de textos (artigos, ensaios, conferências etc.) relevantes para a área e inexistentes em língua portuguesa. É necessário o envio de cópia digitalizada do original utilizado na tradução, bem como da autorização (do editor e/ou do autor dos originais) para publicação.

Jovens Pesquisadores: contempla estudos teóricos, revisões de literatura, relatos de experiência e relatos de pesquisa fruto de trabalhos de conclusão de curso (TCCs) e de iniciação científica realizados por alunos de graduação. É necessário, obrigatoriamente, que o(a) professor(a) orientador(a) conste como um dos autores.

Dossiê: para os dossiês, a Analytica: Revista de Psicanálise lançará chamadas específicas, contendo as informações sobre submissão, temática, etc. As chamadas são publicadas na aba “Anúncios” e encaminhadas, via e-mail automático, para aqueles cadastrados na Revista.

Documentos Suplementares

- **Carta de apresentação**: ela deve ser assinada por todos os autores correspondentes, contendo as seguintes informações: título do artigo; nome(s) do(s) autor(es) e respectivas afiliações; autorização de publicação; declaração de que o manuscrito é inédito, original e não foi - ou está sendo submetido à publicação em outro periódico; e que não apresenta eventuais conflitos de interesse - profissionais, financeiros e benefícios diretos ou indiretos - que possam vir a influenciar os resultados da pesquisa.

- **Comprovantes de procedimentos éticos em pesquisa**: quando o manuscrito se referir a dados provenientes de pesquisas envolvendo seres humanos, é necessário que os comprovantes de aprovação do Comitê de Ética correspondentes sejam anexados no ato da submissão. Nos casos de áreas em que não houver esse tipo de controle, declarar que os cuidados éticos foram devidamente cumpridos.

- **Folha de rosto**: contendo título do artigo, nome dos autores, minicurrículo (principal titulação e vínculo institucional), ORCID, endereço de e-mail e respectivas funções de colaboração, seguindo a taxonomia do CREDiT. Opcional adicionar o endereço do instagram.

- **Autorização**: nos casos de entrevista ou traduções, é necessário o envio de concordância do(s) entrevistado(s) com a publicação do material, para a primeira, e autorização do editor e/ou do autor dos originais, para a segunda.

Declaração de Financiamento

Informar, na carta de apresentação, fontes de apoio para o trabalho, incluindo nomes de patrocinadores, número de contrato (se houver), juntamente com explicações sobre o papel dessas fontes.

ARTIGOS

Insira aqui a política desta seção

Política de Privacidade

Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.

Enviar Submissão

Idioma

Português (Brasil)

English

Informações

Para Leitores

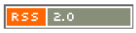
Para Autores

Para Bibliotecários

Open Journal Systems

Edição Atual







Navegar

Palavras-chave



Platform &
workflow by
OJS / PKP